

Funcionamento familiar na perspectiva de jovens universitários: influência de variáveis sociodemográficas e características familiares**Family functioning from the perspective of university students: influence of sociodemographic variables and family characteristics****Funcionamiento familiar desde la perspectiva de jóvenes universitarios: influencia de variables sociodemográficas y características familiares****Recebido: 10/09/2020****Aprovado: 27/12/2020****Publicado: 27/01/2021****Laís Zago¹****Patrícia Leila dos Santos²****Fabio Scorsolini-Comin³****Manoel Antônio dos Santos⁴**

Este é um estudo quantitativo realizado entre 2013 a 2014 numa universidade pública do interior paulista, que teve por objetivo verificar se há relações entre o funcionamento familiar e características sociodemográficas e familiares em universitários de uma instituição pública de ensino. Aplicou-se questionário sociodemográfico e uma escala para avaliação do funcionamento familiar. Participaram 295 estudantes de graduação de cursos da área de saúde, as idades variaram entre 18 e 37 anos, dos quais de 18 a 22 anos representou 93,6%, a maioria (82%) era do sexo feminino e proveniente de cidades do estado de São Paulo (90,5%), sem companheiro e residindo na mesma residência (99,0%), bem como, não trabalhava (61,7%), morava com a família (41,4%) e tinha como principal provedor o pai consanguíneo (65,4%). Predominaram famílias nucleares (75,3%), com religião católica (68%), de classe econômica A (66,8%) e 73,9% informou não ter nenhum membro da família com doença crônica. Não foram observadas diferenças estatisticamente significantes no funcionamento familiar em subgrupos diferenciados por sexo, situação ocupacional, religião e tipo de família; e, os estudantes percebem sua família como funcional. Como a pesquisa foi conduzida antes da adoção das ações afirmativas de ingresso na referida instituição, verificou-se perfil de ingresso e familiar tradicional.

Descritores: Saúde do estudante; Família; Classe social.

This is a quantitative study carried out between 2013 and 2014 at a public university in the interior of the state of São Paulo, which aimed to verify whether there are relationships between family functioning and sociodemographic and family characteristics in university students from a public educational institution. A sociodemographic questionnaire and a scale for assessing family functioning were applied. 295 undergraduate students from health courses participated, ages ranged between 18 and 37 years, from which 18 to 22 years represented 93.6%, the majority (82%) were female and came from cities in the state from São Paulo (90.5%), without a partner and living in the same residence (99.0%), as well as, did not work (61.7%), lived with the family (41.4%) and had as main consanguineous father (65.4%). Nuclear families (75.3%), with Catholic religion (68%), of economic class A (66.8%) predominated and 73.9% reported having no family members with chronic disease. There were no statistically significant differences in family functioning in subgroups differentiated by sex, occupational situation, religion and type of family; and, students perceive their family as functional. As the research was conducted before the adoption of affirmative actions for entering the institution, a profile of entry and traditional family members was verified.

Descriptors: Student health; Family; Social class.

Este es un estudio cuantitativo realizado entre 2013 y 2014 en una universidad pública del interior del Estado de São Paulo, cuyo objetivo fue verificar si existen relaciones entre el funcionamiento familiar y las características sociodemográficas y familiares en los estudiantes universitarios de una institución pública de educación. Se aplicó un cuestionario sociodemográfico y una escala para evaluar el funcionamiento familiar. Participaron 295 estudiantes de pregrado de cursos del área de salud, las edades variaron entre 18 y 37 años, por lo que de 18 a 22 años representó el 93,6%, la mayoría (82%) eran mujeres y procedían de ciudades del estado de São Paulo (90,5%), sin pareja y viviendo en la misma residencia (99,0%), así como no trabajaban (61,7%), vivían con la familia (41,4%) y tenían como principal proveedor al padre consanguíneo (65,4%). Predominaron las familias nucleares (75,3%), con religión católica (68%), de clase económica A (66,8%) y el 73,9% informaron de que no tenían ningún miembro de la familia con enfermedades crónicas. No había diferencias estadísticamente significativas en el funcionamiento de la familia en los subgrupos diferenciados por sexo, situación ocupacional, religión y tipo de familia; y los estudiantes perciben su familia como funcional. Dado que la investigación se realizó antes de la adopción de medidas de acción afirmativa para ingresar en la institución, se estableció un perfil de ingreso y familiar tradicional.

Descriptores: Salud del estudiante; Familia; Clase social.

1. Psicóloga. Especialista em Promoção da Saúde na Comunidade. Mestre em Enfermagem Psiquiátrica, Ribeirão Preto, SP, Brasil. ORCID: 0000-0002-2239-3103. E-mail: zago.lais@gmail.com

2. Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica. Mestre em Fundamentos da Educação. Doutora em Psicologia. Professora do Departamento de Neurociências da Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. ORCID: 0000-0002-2229-886X E-mail: plsantos@fmrp.usp.br

3. Psicólogo. Pedagogo. Especialista em Gestão da Educação. Mestre e Doutor em Psicologia. Professor da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. ORCID: 0000-0001-6281-3371 E-mail: fabio.scorsolini@usp.br

4. Psicólogo. Especialista em Psicoterapia Familiar e de Casal. Mestre e Doutor em Psicologia Clínica. Professor Titular do Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. ORCID: 0000-0001-8214-7767 E-mail: masantos@ffclrp.usp.br

INTRODUÇÃO

A transição para o ensino superior traz múltiplos desafios aos jovens, podendo impactar diferentes aspectos da vida, como suas relações interpessoais e familiares, com repercussões potenciais sobre a saúde mental. É preciso considerar os eventos estressores que podem ocorrer durante a etapa de adaptação que acompanha a transição do jovem ao ensino superior, incluindo novos contextos educativos e sociais, que em alguns casos envolve mudança de cidade e distanciamento em relação à família, enfraquecendo a supervisão dos pais, além dos desafios acadêmicos que esse período costuma trazer¹.

Tendo em conta a dinâmica desses fatores, é possível afirmar que os estudantes universitários se encontram em situação de vulnerabilidade decorrente do próprio processo de desenvolvimento, com novas demandas que incrementam o estresse e aumentam a suscetibilidade a problemas psicossociais. O ingresso no ensino superior pode coincidir com a transição da adolescência para a vida adulta, o que pode acarretar em importantes mudanças traduzidas em continuidades e também descontinuidades desenvolvimentais. Nesse momento observa-se a influência do grupo de pares no que diz respeito à adoção de condutas que representam transgressões às normas instituídas, o que pode favorecer o engajamento em comportamentos de risco, tais como uso abusivo de substâncias, conflito com as leis e relações sexuais sem proteção, podendo culminar em problemas de saúde mental ou mesmo suicídio²⁻⁶.

Neste período de transição, diversos aspectos devem ser considerados para que os processos de desenvolvimento nessa etapa sejam compreendidos. Observa-se que os alunos ingressam cada vez mais jovens na universidade. Muitos deles ainda estão vivenciando a etapa final da adolescência na transição para a vida adulta e descobrem que precisam lidar com novas responsabilidades e cobranças para as quais se sentem despreparados, como processos de perdas e lutos. Isso traz como consequência a necessidade de remodelar sua rede pessoal, excluindo ou reduzindo a proximidade com alguns contatos da rede anterior e incluindo novos elementos.

Ao se sentirem desafiados a lidar com novas responsabilidades e exigências, necessitam também entrar em contato com mudanças significativas na organização de sua rotina, as quais exigem esforços adaptativos importantes. No contexto da transição para a Universidade, isso pode envolver a adaptação a rotinas de estudos, às relações interpessoais estabelecidas nesse cenário, à necessidade de se engajar em diferentes entidades e processos até então desconhecidos, o que pode ser vivenciado em meio a muitos sofrimentos, podendo desencadear reações crônicas de estresse⁷.

Em termos dos processos desenvolvimentais, considera-se essa fase determinante e não um simples processo de ajustamento necessário à transição da adolescência para a fase adulta⁸. Ocorrem mudanças tanto fisiológicas quanto psicossociais no momento que o jovem passa a se responsabilizar pela tomada de decisões mais significativas em sua vida. Em pesquisa realizada numa universidade do Rio Grande do Sul, os estudantes relataram problemas no que diz respeito ao curso escolhido e à saída de casa (quando isto ocorreu); e os que estavam se formando relataram frustração diante das expectativas que nutriam antes do ingresso e após o curso, além de lamentarem a falta de oportunidades e opções extracurriculares para aprofundar seus estudos, reconhecendo-se que, durante a vida universitária seria importante ajustar suas atividades acadêmicas com as necessidades da vida particular⁹.

Ao se propor entender o contexto familiar dos graduandos, se percebe a importância da família como instância doadora de referências de que os jovens necessitam para balizar as condutas na vida. O sistema de crenças e valores herdados do ambiente familiar é um componente importante no trabalho dos jovens de encontrar soluções adaptativas que possibilitem conciliar as atividades acadêmicas com a vida pessoal e familiar.

A família constitui um lugar proeminente entre os recursos que formam a rede de apoio com a qual ele pode contar em momentos de dificuldade. Ademais, uma tarefa desenvolvimental da família, em especial se o ingresso na universidade se atrela à saída de casa,

é oferecer apoio e criar condições para que o jovem possa separar-se sem romper os laços afetivos e sem perder ou ter ameaçada sua identidade enquanto membro da família¹⁰.

Questões de gênero, estilos parentais, relação conjugal dos pais, espiritualidade, interações entre familiares e diferentes características da família têm sido investigadas na busca de sistematizar informações sobre como tais elementos se conectam a problemas de saúde mental entre jovens universitários¹¹⁻¹⁴. Entretanto, a maioria dos estudos com universitários prioriza a descrição de um perfil de estudantes circunscrito a uma determinada instituição de nível superior, de modo que as variáveis sociodemográficas são explicitadas, mas não investigadas em termos de suas possíveis associações com aspectos relacionados à saúde ou mesmo com variáveis de funcionamento familiar¹⁵.

No que diz respeito ao perfil do universitário brasileiro, estudos recentes têm apontado importantes movimentos¹⁶⁻²¹, o que envolve o aumento da participação das mulheres nos cursos de graduação, a ampliação do número de estudantes provenientes de camadas sociais mais baixas, sobretudo quando em instituições públicas^{22,23}, o que não pode ser analisado de modo apartado dos efeitos das ações afirmativas incorporadas no país em contextos educacionais, o que não envolve apenas a questão do acesso por meio de cotas, mas também de ações de permanência que combatam a evasão. Tais tendências, no entanto, devem ser analisadas em cada instituição de ensino, haja vista as possíveis diferenças de perfis que podem ser orientadas, a partir de marcadores locais.

Ao considerar a relevância de aprofundar o conhecimento sobre os diferentes aspectos que podem afetar a saúde mental e o desenvolvimento de universitários, com vistas à melhor compreensão acerca da interação desses fatores, e a escassez de estudos voltados à investigação a respeito do modo como o funcionamento e as interações familiares podem afetar o desenvolvimento desses jovens, este estudo teve por objetivo verificar se há relações entre o funcionamento familiar e características sociodemográficas e familiares em universitários de uma instituição pública de ensino.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, analítico, de corte transversal e apoiado na metodologia quantitativa, nos segundos semestres de 2013 e 2014, numa universidade pública de uma cidade do interior paulista, com alunos da área de saúde.

Um dos instrumentos utilizados para coleta dos dados foi o *Questionário Sociodemográfico e Familiar*: utilizado para caracterizar as condições socioeconômicas das famílias, constituído por 24 questões, que abrangem os dados pessoais, grau de escolaridade, configuração familiar, situação financeira da família, incluindo ainda o *Critério Brasil* para classificação econômica²⁴.

Se usou também a *Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar - FACES IV*, constituída por 62 itens, que são distribuídos em duas subescalas consideradas equilibradas ou positivas (com 7 itens cada), que se referem a aspectos positivos das dimensões de coesão (proximidade, afeto entre os membros da família) e flexibilidade familiar (capacidade de adaptação, atenção a regras e flexibilização de papéis); quatro subescalas consideradas desequilibradas ou disfuncionais (7 itens cada uma): desengajada (associada à falta de proximidade), emaranhada (aproximação excessiva, com prejuízo à privacidade e autonomia dos membros do grupo), rígida (excessiva valorização e apego a regras e papéis) e caótica (sem regras claras ou definição de papéis) e uma subescala que mede a comunicação familiar (habilidades de comunicação dentro da família) e satisfação (o quanto os membros sentem-se satisfeitos com seu grupo familiar). Os itens são respondidos em uma escala do tipo Likert de cinco pontos que varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). O resultado (calculado a partir de percentis e razão entre aspectos positivos e disfuncionais) permite diferenciar entre famílias saudáveis (funcionais) e não saudáveis (disfuncionais). Utilizou-se a versão brasileira da escala²⁵. Em termos de propriedades psicométricas, o instrumento

apresenta índice de consistência interna considerado adequado, com alpha de Crombach $\alpha=0,84$, calculado para esta amostra²⁵. A coleta de dados coincidia com o segundo período dos cursos em dois anos seguidos e, a aplicação dos instrumentos foi coletiva, em sala de aula, autopreenchidos.

A análise de dados foi realizada com o auxílio do Programa IBM SPSS, versão 25.0. Foram calculadas as medidas de tendência central e de dispersão para variáveis numéricas e computadas as porcentagens para as variáveis categóricas. Para fins de comparação de variáveis de interesse utilizou-se teste estatístico específico (t de Student), adotando-se nível de significância $p=0,05$. Dados referentes ao tipo de família, religião e classificação econômica foram agrupados para análise. Foram comparados subgrupos por sexo (masculino X feminino), religião (católica X outras), atividade laboral (trabalha X não trabalha), classificação socioeconômica (classe A, classificações A1 + A2 + B1, comparado com classe B, reunindo B2 + C1 + C2), tipo de família (nuclear X outros). A interpretação dos resultados deu-se a partir de produção científica disponível sobre o tema, com o aporte da perspectiva familiar sistêmica.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (CAAE nº 77425417.5.0000.5393) e seguiu todas as recomendações preconizadas para pesquisas com seres humanos.

RESULTADOS

Participaram 295 estudantes universitários de cursos de graduação na área de: Medicina, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Nutrição e Metabolismo e Fonoaudiologia, sendo: 76 alunos de Fonoaudiologia, 74 da Nutrição e Metabolismo, 73 da Medicina, 27 de Terapia Ocupacional e 45 de Fisioterapia. A representatividade dos alunos por curso, medida em termos de proporção entre participantes e matriculados, variou de 73% a 92%.

As idades variaram entre 18 e 37 anos, das quais de 18 a 22 anos representou 93,6%, com média de 19,92 (DP=2,01), a maioria (82%) era do sexo feminino e proveniente de cidades do estado de São Paulo (90,5%), sem companheiro e residindo na mesma residência (99,0%), bem como não trabalhava (61,7%), morava com a família (41,4%) e tinha como principal provedor o pai consanguíneo (65,4%).

Predominaram famílias nucleares (75,3%), com religião católica (68%), de classe econômica A (66,8%) e 73,9% informou não ter nenhum membro da família com alguma doença crônica. A Tabela 1 apresenta a comparação dos resultados referentes às subescalas da FACES IV, comparando-se os subgrupos diferenciados por sexo. Nota-se que não houve diferença estatisticamente significativa entre eles.

Tabela 1. Comparação nas subescalas de funcionamento familiar entre subgrupos diferenciados por sexo. Ribeirão Preto, 2013-2014.

Subescalas	Feminino (N=242)	Masculino (N=73)	t	p
	Média (DP)	Média (DP)		
Coesão	29,2 (4,2)	29,1 (3,7)	0,23	0,816
Flexibilidade	26,0 (4,2)	26,1 (3,7)	-0,22	0,826
Desengajada	14,0 (4,3)	14,3 (3,8)	-0,41	0,681
Emaranhada	17,9 (3,3)	17,6 (3,2)	0,68	0,492
Rígida	18,5 (4,2)	19,3 (4,2)	-1,25	0,209
Caótica	14,2 (4,1)	13,3 (4,0)	1,40	0,161
Comunicação	38,5 (7,1)	37,3 (6,1)	1,10	0,272
Satisfação	35,6 (8,0)	34,9 (6,8)	0,58	0,561

Quanto à religião, não houve diferença significativa entre os grupos diferenciados por famílias que se consideravam católicas e famílias pertencentes a outras religiões (Tabela 2).

Tabela 2. Comparação das subescalas de funcionamento familiar entre subgrupos diferenciados por religião da família. Ribeirão Preto, 2013-2014.

Subescalas	Católica (N=203) Média (DP)	Outras (N=67) Média (DP)	t	p
Coesão	29,2 (4,1)	29,4 (4,0)	-0,29	0,770
Flexibilidade	25,7 (4,2)	26,6 (3,9)	-1,57	0,118
Desengajada	14,2 (4,1)	13,7 (4,1)	0,89	0,373
Emaranhada	18,0 (3,2)	17,8 (3,5)	0,44	0,660
Rígida	18,7 (4,1)	19,1 (4,3)	-0,68	0,494
Caótica	14,2 (3,9)	13,7 (4,4)	0,97	0,333
Comunicação	38,2 (6,7)	38,5 (7,4)	-0,26	0,792
Satisfação	35,5 (7,7)	35,8 (7,9)	-0,31	0,756

Na Tabela 3, acerca da situação ocupacional, nota-se que os escores obtidos nas subescalas da FACES IV não foram estatisticamente significantes entre quem trabalhava e quem não trabalhava.

Tabela 3. Comparação das subescalas de funcionamento familiar entre subgrupos diferenciados por situação ocupacional. Ribeirão Preto, 2013-2014.

Subescalas	Trabalha (N= 113) Média (DP)	Não trabalha (N=182) Média (DP)	t	p
Coesão	29,2 (4,4)	29,2 (3,9)	0,02	0,980
Flexibilidade	26,0 (4,5)	26,0 (3,9)	0,08	0,933
Desengajada	14,1 (4,3)	14,1 (4,1)	-0,04	0,962
Emaranhada	17,8 (3,4)	17,9 (3,2)	-0,36	0,716
Rígida	18,4 (4,4)	18,9 (4,1)	-0,86	0,386
Caótica	13,8 (4,6)	14,2 (3,7)	-0,83	0,403
Comunicação	38,4 (6,9)	38,2 (7,1)	0,22	0,825
Satisfação	35,4 (8,1)	35,5 (7,7)	-0,08	0,933

A Tabela 4 apresenta a classificação econômica e, observa-se que não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos diferenciados por famílias que pertenciam à classe econômica A ou B.

Tabela 4. Comparação das subescalas de funcionamento familiar entre subgrupos diferenciados por classificação econômica. Ribeirão Preto, 2013-2014.

Subescalas	Classe A (N=96) Média (DP)	Classe B (N=199) Média (DP)	t	p
Coesão	29,3 (4,1)	29,2 (4,1)	0,87	0,385
Flexibilidade	25,7 (4,0)	26,1 (4,2)	-0,56	0,571
Desengajada	14,2 (4,1)	14,0 (4,3)	-1,78	0,076
Emaranhada	17,8 (3,4)	17,9 (3,2)	1,19	0,233
Rígida	19,0 (3,9)	18,6 (4,3)	0,94	0,344
Caótica	14,0 (4,0)	14,1 (4,1)	-1,01	0,310
Comunicação	37,8 (7,3)	38,5 (6,8)	0,05	0,954
Satisfação	35,6 (7,6)	35,4 (7,9)	1,04	0,297

A Tabela 5 agrupa os diferentes tipos de configuração familiar e observa-se que não houve diferença estatisticamente significativa entre os universitários que pertenciam a uma família considerada nuclear e aqueles em outros tipos de família.

Tabela 5. Comparação das subescalas de funcionamento familiar entre subgrupos diferenciados por tipo de família. Ribeirão Preto, 2013-2014.

Subescalas	Nuclear (N=222)	Outros (N=73)	t	p
	Média (DP)	Média (DP)		
Coesão	29,4 (4,1)	28,6 (4,0)	1,50	0,134
Flexibilidade	26,0 (4,1)	25,9 (4,2)	0,32	0,745
Desengajada	13,9 (4,2)	14,5 (4,2)	-0,96	0,335
Emaranhada	18,1 (3,5)	17,4 (2,6)	1,84	0,067
Rígida	18,7 (4,2)	18,6 (4,1)	0,09	0,924
Caótica	14,2 (4,2)	13,5 (3,6)	1,31	0,188
Comunicação	38,4 (7,3)	37,9 (6,1)	0,51	0,605
Satisfação	35,6 (8,0)	35,0 (7,3)	0,56	0,572

DISCUSSÃO

Em relação ao perfil dos participantes, trata-se de um grupo homogêneo, composto por estudantes de uma universidade pública, pertencentes a uma faixa etária jovem, que cursava uma graduação na área de saúde, provenientes de família católica e de classe social elevada. Além disso, a maioria era proveniente de configuração familiar considerada tradicional (nuclear) e sem a presença de doença crônica.

Essas características diferenciadas podem ter se refletido nos resultados obtidos, haja vista que se trata não apenas de um perfil específico e considerado elitizado, mas também com maior probabilidade de estar protegido em relação aos possíveis fatores de risco que podem desencadear vulnerabilidades no desenvolvimento.

Por se tratar de um grupo com amplo acesso a recursos e meios como educação, saúde e características sociodemográficas favoráveis, espera-se que, potencialmente, tenha sido um grupo menos exposto a situações de vulnerabilidade e que, portanto, tenha menos interferência de disfuncionalidades no desenvolvimento, inclusive no que tange à estrutura familiar.

O perfil sociodemográfico apresentado pode ser assim sumarizado: jovem, solteiro, que mora com os pais e não trabalha. Embora esse perfil possa se aproximar de alguns contextos²⁶, sobretudo daqueles existentes anteriormente às políticas de ações educacionais afirmativas, é necessário considerar as mudanças observadas nos últimos anos. Investigação recente realizada com estudantes provenientes de instituição de ensino federal revelam o crescimento do número de mulheres na universidade e do acesso por parte de estudantes de camadas baixas²³.

Em que pesem as assimetrias sociais e disparidades entre classes, o perfil encontrado na presente amostra, à época da coleta dos dados, revela um movimento anterior à inclusão das ações afirmativas nos processos seletivos de ingresso dessa referida instituição, o que ocorreu apenas em 2016 e em caráter experimental, em um primeiro momento. Nos anos seguintes houve a continuidade dessa política de acesso, juntamente com a manutenção do vestibular tradicional.

Assim, essa amostra sofre o efeito de um contexto específico, ainda sem as cotas e com um processo seletivo concorrido que possibilitava o acesso, prioritariamente, por parte de determinadas camadas sociais, reforçando assimetrias sociais que encontraram nas ações afirmativas uma resposta de maneira crescente. Na IES em tela, até o advento das políticas públicas específicas para correção das distorções sociais, o vestibular funcionava como barreira que impedia o acesso ao ensino público superior da ampla parcela economicamente desprivilegiada da população.

Ainda que ações afirmativas estejam sendo implementadas e expandidas de forma exitosa nos últimos anos, ampliando o acesso de pessoas oriundas do ensino público, pretas, pardas e indígenas^{22,23}, há necessidade de avaliar os efeitos dessas políticas em relação ao acesso ao nível superior de ensino no longo prazo. A predominância do sexo feminino neste

estudo corroborou vários outros estudos realizados com adultos jovens^{16,17}, o que tem sido explicado como resultante da emancipação feminina das últimas décadas, mas também como efeito de ações educacionais afirmativas²³.

No que diz respeito à religião, apesar de pesquisa²⁷ apontar mudança no perfil religioso brasileiro, prognosticando que os católicos possivelmente deixarão de ser maioria em nosso país, no contexto nacional o catolicismo ainda é uma força viva e muito presente e, observada no estudo em tela. Os respondentes não foram questionados acerca de sua frequência aos serviços e rituais religiosos, apenas de seu pertencimento, o que poderia trazer outras informações sobre a prática religiosa e sua influência no funcionamento familiar. Assim, sugere-se que essa associação possa ser melhor explorada em estudos vindouros.

Pode-se considerar que qualquer evento que altere de alguma maneira o padrão de funcionamento de uma família se reflete, de forma sistêmica, sobre todos os membros²⁸. No caso de uma doença grave, o acometimento pode deflagrar uma ruptura no equilíbrio do sistema familiar. Nesta pesquisa, a doença crônica aparece em um percentual pequeno de famílias. Embora estudos indiquem que a presença de doença crônica afete o funcionamento familiar^{10,29}, isto não foi observado no presente estudo, ou seja, para o presente levantamento, tais relações não podem ser sustentadas.

Uma possível explicação para esse achado, de ausência de relações significativas entre adoecimento crônico e funcionamento familiar, é aventar que a doença crônica relatada nesta presente amostra tenha menor impacto sobre a homeostase dessas famílias, inclusive considerando-se o elevado nível econômico que a caracterizou. Obviamente que tais hipóteses devem ser testadas por outros delineamentos, o que deve ser endereçado em estudos futuros.

Com relação ao nível econômico, a maioria dos estudantes pesquisados neste estudo pertenciam às classes A1, A2 e B1 (agrupamento A). Embora esse perfil seja próximo à realidade de algumas instituições²⁰ observa-se, nos últimos anos, uma modificação importante, sobretudo em relação à renda, de modo que os estudantes advindos de camadas mais baixas já compõem a maioria dos universitários de instituições federais de ensino superior²³.

Apesar de a maioria dos participantes pertencerem à família nuclear e ter como principal provedor da subsistência o pai, se notou que 24,7% pertenciam a outras configurações familiares e 31,9% tinham como provedor a mãe ou outro (como avô/avó), números considerados significativos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que houve crescimento de responsabilidade feminina do ano 2000 para o ano 2010, variando de 24,9% para 38,7% dos domicílios pesquisados. No Censo de 2010 identificou-se que 38,7% dos domicílios urbanos tinham mulheres como responsáveis pela manutenção da subsistência doméstica³⁰.

Houve crescimento de famílias administradas e sustentadas por mulheres, caracterizando arranjos familiares diferentes do modelo tradicional e patriarcal encontrado no Brasil³¹. A transição que tem se observado nas últimas décadas é evidente e ainda está em marcha, em direção à representatividade crescente de configurações familiares distintas do modelo nuclear.

Entretanto, as mulheres ainda precisam lidar com diferenças salariais injustas e jornadas duplas, além de maiores dificuldades em serem promovidas no trabalho³¹. Também se notam diferenças no desempenho de papéis sociais entre os gêneros, principalmente quando a família tem menor poder aquisitivo.

A realização de levantamentos após a adoção das ações afirmativas pela IES em tela também pode trazer novos apontamentos em função de uma esperada mudança de perfil do ingressante. As análises aqui apresentadas foram conduzidas com um perfil homogêneo de sujeitos provenientes de camadas privilegiadas da população. Os efeitos desse perfil sobre os dados ainda não foram investigados, mas assevera-se a necessidade não apenas de novos delineamentos a partir desse *corpus*, mas também da sua comparação com os novos perfis em decorrência das importantes mudanças advindas com as ações afirmativas de ingresso. Em uma

IES considerada tradicional e elitista – sobretudo pelo seu concorrido vestibular, os efeitos dessas mudanças devem ser acompanhados de modo específico e com parcimônia. Espera-se, com isso, que esse novo perfil possa se aproximar mais dos levantamentos recentes em IES pública e que já adotam as ações afirmativas há mais tempo²³.

Refletindo das famílias, na ótica da teoria sistêmica, eventos como o ingresso na universidade e possível saída de casa podem gerar desorganização ou disfunção familiar. Entretanto, existe uma tendência a um processo desenvolvimental de acomodação e de adaptação¹⁰ a esse novo cenário, suas características, desafios e possibilidades. Esses efeitos não foram estudados no presente delineamento. É mister que esse processo de transição para a universidade possa ser melhor retratado, abarcando a diversidade de cenários para essa adaptação, bem como os efeitos das políticas de acolhimento institucional nesse processo.

Aventa-se a hipótese de que as variáveis investigadas talvez tenham pouco peso na explicação do funcionamento familiar justamente por serem consideradas adaptativas, como o acesso à educação, renda elevada e pertencimento a um contexto familiar ajustado do ponto de vista psicossocial. A combinação de variáveis protetivas talvez opere uma influência positiva no desenvolvimento familiar, de modo que possíveis conflitos ou desadaptações possam ser contornadas por outras variáveis, ou que tenham sua força disruptiva amortecida em função da combinação de aspectos protetivos.

Se as variáveis sociodemográficas elencadas neste estudo mostraram ter baixo poder explicativo em relação ao funcionamento familiar, talvez outras variáveis possam se mostrar mais relevantes, notadamente medidas de saúde mental. A consideração dos contextos sociais, culturais e históricos, bem como familiares, ainda parece tímida, devido à tendência de colocar o foco nos aspectos individuais do indivíduo e na patologização das condutas. Propõe-se que o exame dos contextos desenvolvimentais, como as variáveis sociodemográficas, deve ocorrer de modo integrado, incluindo aspectos individuais e contextuais de coesão e adaptabilidade familiar, em consonância com o que tem sido sugerido na perspectiva sistêmica.

CONCLUSÃO

Os resultados do estudo sugerem não haver influência de sexo, religião, ser trabalhador, classe socioeconômica e configuração familiar sobre a percepção de funcionamento familiar de estudantes universitários da área da saúde na IES pesquisada. A amostra foi representativa para este grupo, mas os resultados refletem características de universitários que já se destacam de boa parcela de outros jovens, sem acesso à universidade. O fato destes jovens terem se tornado universitários pode denotar a proveniência de famílias já diferenciadas, que possivelmente oferecem suporte para que possa buscar suas realizações pessoais.

Esse estudo apresenta alguns limites como basear-se em resultados de uma amostra de conveniência, restrita a universitários no início da graduação (segundo período) e de uma única universidade pública e delimitado por análises comparativas; e, a impossibilidade de comparar os efeitos das ações afirmativas de ingresso sobre o perfil desses estudantes e do seu funcionamento familiar, haja vista que a presente pesquisa foi realizada anteriormente à adoção dessa política, recente na IES em tela. Essas limitações requerem cautela quanto à generalização dos resultados.

Por outro lado, os resultados podem estar refletindo um papel protetor da família sobre o desenvolvimento dos jovens, ao conseguir encaminhá-los ao ensino superior, papel este que pode independe das variáveis analisadas neste estudo.

REFERÊNCIAS

1. Friedlander LJ, Reid GJ, Shupak N, Cribbie R. Social support, self-esteem, and stress as predictors of adjustment to university among first-year undergraduates. *J Coll Stud Dev*. [Internet]. 2007 [citado em 21 dez 2020]; 48(3):259-74. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ767020>. DOI: <https://doi.org/10.1353/csd.2007.0024>

2. Ahmed WUR, Mills E. Tackling mental health barriers at medical school: insights from fellow medical students. *Adv Med Educ Pract.* [Internet]. 2019 [citado em 21 dez 2020]; 10:77-8. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30858750/>. DOI: <https://doi.org/10.2147/AMEP.S198993>
3. Gauthier JM, Witte TK, Correia CJ. Suicide ideation, alcohol consumption, motives, and related problems: exploring the association in college students. *Suic Life Threat Behav.* [Internet]. 2017 [citado em 21 dez 2020]; 47(2):142-54. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27291684/>. DOI: <https://doi.org/10.1111/sltb.12269>
4. Milojevich HM, Lukowski AF. Sleep and mental health in undergraduate students with generally healthy sleep habits. *PLoS ONE* [Internet]. 2016 [citado em 21 dez 2020]; 11(6):e0156372. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0156372>. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0156372>
5. Osama M, Islam MY, Hussain SA, Masroor SM, Burney MU, Masood MA, et al. Suicidal ideation among medical students of Pakistan: a cross sectional study. *J Forensic Leg Med.* [Internet]. 2014 [citado em 21 dez 2020]; 27:65-8. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25287803/>. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jflm.2014.08.006>
6. Zhang J, Liu Y, Sun L. Psychological strain and suicidal ideation: a comparison between Chinese and US college students. *Psychol Res.* [Internet]. 2017 [citado em 21 dez 2020]; 255:256-62. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S016517811631527X?via%3Dihub>. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2017.05.046>
7. Oliveira CT, Santos AS, Dias ACG. Expectativas de universitários sobre a universidade: sugestões para facilitar a adaptação acadêmica. *Rev Bras Orientac Prof.* [Internet]. 2016 [citado em 21 dez 2020]; 17(1):43-53. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v17n1/06.pdf>
8. Arnett JJ. Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *Am Psychol.* [Internet]. 2000 [citado em 21 dez 2020]; 55(5):469-80. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10842426/>. DOI: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
9. Oliveira CT, Dias ACG. Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. *Psico (Porto Alegre)* [Internet]. 2014 [citado em 21 dez 2020]; 45(2):187-97. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13347>. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.13347>
10. Pratta EMM, Santos MA. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicol Estud.* [Internet]. 2007 [citado em 21 dez 2020]; 12(2):274-56. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>
11. Kim SS, Hayard RD, Gil M. Family interdependence, spiritual perspective, self-transcendence, and depression among Korean college students. *J Relig Health* [Internet]. 2018 [citado em 21 dez 2020]; 57(6):2079-91. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28718053/>. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10943-017-0448-3>
12. Ponappa S, Bartle-Haring S, Holowacz E, Ferriby M. The family system and depressive symptoms during the college years: triangulation, parental differential treatment, and sibling warmth as predictors. *J Marital Fam Ther.* [Internet]. 2016 [citado em 21 dez 2020]; 43(1):145-58. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27282554/>. DOI: <https://doi.org/10.1111/jmft.12175>
13. Poorsheikhali F, Alavi HR. Correlation of parents' religious behavior with family's emotional relations and students' self-actualization. *J Relig Healt.* [Internet]. 2015 [citado em 21 dez 2020]; 54:235-41. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24352560/>. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10943-013-9809-8>
14. Sun L, Zhou C, Xu L, Li S, Kong J. Suicidal ideation, plans and attempts among medical college students in China: the effect of their parental characteristics. *Psychiatry Res.* [Internet]. 2017

- [citado em 21 dez 2020]; 247:139-43. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27889604/>. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2016.11.024>
15. Oliveira MDA, Melo-Silva LL. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. *Psic Esc Educ*. [Internet]. 2010 [citado em 21 dez 2020]; 14(1):23-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a03.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100003>
16. Araújo MFM, Freitas RWJF, Lima ACS, Pereira DCR, Zanetti ML, Damasceno MMC. Relação entre qualidade do sono e síndrome metabólica em universitários. *Texto & Contexto Enferm*. [Internet]. 2015 [citado em 21 dez 2020]; 24(2):505-12. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tce/v24n2/pt_0104-0707-tce-24-02-00505.pdf. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015002652014>
17. Peres JCR, Nery FC. Qualidade de sono em universitários do curso de Psicologia da Faculdade de Minas (FAMINAS) de Muriaé (MG). *Rev Cient Faminas* [Internet]. 2017 [citado em 21 dez 2020]; 12(1):43-51. Disponível em: <http://200.202.212.131/index.php/RCFaminas/article/viewFile/364/335>
18. Brito B, Gordia A, Quadros T. Estilo de vida de estudantes universitários: estudo de acompanhamento durante os dois primeiros anos do curso de graduação. *Med. (Ribeirão Preto)* [Internet]. 2016 [citado em 21 dez 2020]; 49(4):293-302. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/122721>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v49i4p293-302>
19. Fontes ACD, Vianna RPT. Prevalência e fatores associados ao baixo nível de atividade física entre estudantes universitários de uma universidade pública da região Nordeste - Brasil. *Rev Bras Epidemiol*. [Internet]. 2009 [citado em 21 dez 2020]; 12(1):20-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v12n1/03.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2009000100003>
20. Latreille AC, Sobrinho SM, Warmling AMF, Ribeiro DM, Amante CJ. Perfil socioeconômico dos graduandos em odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina. *Rev ABENO* [Internet]. 2015 [citado em 21 dez 2020]; 15(1):86-96. Disponível em: <http://revodonto.bvsalud.org/pdf/abeno/v15n1/a11v15n1.pdf>
21. Mafra AL, Castro FN, Lopes FA. Nível socioeconômico e autopercepção como parceiro romântico no ambiente universitário. *Trends Psych*. [Internet]. 2018 [citado em 21 dez 2020]; 26(4):2147-56. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v26n4/v26n4a16.pdf>. DOI: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2018.4-16Pt>
22. Albuquerque RA, Pedron CD. Os objetivos das ações afirmativas em uma instituição de ensino superior (IES) pública brasileira: a percepção da comunidade acadêmica. *Rev B Est Ped*. [Internet]. 2018 [citado em 21 dez 2020]; 99(251):54-73. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3318/3053>. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3449>
23. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis [FONAPRACE]. V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação [Internet]. Brasília, DF: ANDIFES; 2018 [citado em 21 dez 2020]. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/v-pesquisa-nacional-de-perfil-socioeconomico-e-cultural-dos-as-graduandos-as-das-ifes-2018/>
24. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Critério de classificação econômica Brasil 2013 [Internet]. São Paulo: ABEP; 2012 [citado em 21 dez 2020]. [Dados com base no Levantamento Sócio Econômico 2011 - IBOPE]. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>
25. Santos PL, Bazon MR, Carvalho AMP. Family adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES IV) - adaptação brasileira. *Aval Psic*. [Internet]. 2017 [citado em 21 dez 2020]; 16(2):120-7. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v16n2/v16n2a02.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.15689/AP.2017.1602.01> Artigo original somente em português
26. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Ensino, Pró-Reitoria Adjunta de Graduação. Perfil e representações dos estudantes de graduação da UFRGS: relatório final. Porto Alegre: UFRGS; 2003. 56p.

27. Castro CM, Vilela EM. Muçulmanos no Brasil: uma análise socioeconômica e demográfica a partir do Censo 2010. *Relig Soc.* [Internet]. 2019 [citado em 21 dez 2020]; 39(1):170-97. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rs/v39n1/0100-8587-rs-39-1-00170.pdf>
DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n1cap08>
28. Arruda-Colli MNF, Perina EM, Santos MA. Experiences of Brazilian children and family caregivers facing the recurrence of cancer. *Eur J Onc Nurs.* [Internet]. 2015 [citado em 21 dez 2020]; 19(5):458-64. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1462388915000253>
DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2015.02.004>
29. Cecílio HPM, Arruda GO, Marcon SS. A dependência do cuidado familiar na perspectiva do doente crônico. *Cuid Fund.* [Internet]. 2015 [citado em 21 dez 2020]; 7(4):3305-16. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750948013.pdf>. DOI: 10.9789/2175-5361.2015.v7i4.3305-3316
30. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de gênero - uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010 [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2014 [citado em 21 dez 2020]. (Estudos & pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica; 33). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>
31. Barros SCV, Mourão L. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicol Soc.* [Internet]. 2018 [citado em 21 dez 2020]; 30:e174090. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v30/1807-0310-psoc-30-e174090.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174090>

CONTRIBUIÇÕES

Laís Zago contribuiu na concepção, coleta e análise de dados. **Patrícia Leila dos Santos** participou na concepção, coleta e análise de dados, e revisão. **Fabio Scorsolini-Comin** e **Manoel Antônio dos Santos** atuaram na análise dos dados e revisão.

Como citar este artigo (Vancouver)

Zago L, Santos PL, Scorsolini-Comin F, Santos MA. Funcionamento familiar na perspectiva de jovens universitários: influência de variáveis sociodemográficas e características familiares. *REFACS* [Internet]. 2021 [citado em *inserir dia, mês e ano de acesso*]; 9(1):43-53. Disponível em: *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*

Como citar este artigo (ABNT)

ZAGO, L.; SANTOS, P. L. dos; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. Funcionamento familiar na perspectiva de jovens universitários: influência de variáveis sociodemográficas e características familiares. *REFACS*, Uberaba, MG, v. 9, n. 1, p. 43-53, 2021. DOI: *inserir link do DOI*. Disponível em: *inserir link de acesso*. Acesso em: *inserir dia, mês e ano de acesso*.

Como citar este artigo (APA)

Zago, L., Santos, P.L., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M.A. (2021). Funcionamento familiar na perspectiva de jovens universitários: influência de variáveis sociodemográficas e características familiares. *REFACS*, 9(1), 43-53. Recuperado em *inserir dia, mês e ano de acesso* de *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.